

“A COLEÇÃO DE BRUXAS DE MEU PAI” NA SALA DE AULA: A TEMÁTICA DO DIVÓRCIO E A RECEPÇÃO DO CONTO DE ROSA AMANDA STRAUZ

Autora: Andressa dos Santos Pontes; Orientadora: Dra. Márcia Tavares

Aluna do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (UFCG). E-mail: andressaspontes@hotmail.com
Professora do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (UFCG). E-mail: tavares.ufcg@gmail.com

Resumo: No contexto de uma literatura infantil renovada, foram sendo adicionadas novas fórmulas narrativas, que reconfiguram as traduções e as adaptações dos contos de fadas europeus. Para além do “casaram-se e viveram felizes para sempre”, critérios realistas vão se somando ao do fantástico. É o que ocorre no conto da escritora brasileira Rosa Amanda Strausz, intitulado *A coleção de bruxas de meu pai* (1995), cujo enredo focaliza os conflitos decorrentes do divórcio, propondo uma perspectiva narrativa diferenciada, o que possibilita uma experiência de leitura capaz de expandir os horizontes de expectativa do leitor criança. O conto de Strausz é dotado de grande riqueza estética e suas propriedades compositivas dão abertura para que o leitor atualize a obra e possa ter uma experiência de interação com esse gênero literário e com a temática pouco enfatizada nas obras destinadas ao público infantil. A partir de tal vislumbre, as relações interpessoais decorrentes do divórcio são descortinadas nas similitudes humanas com personagens bruxas e com suas características animais, sendo estas últimas associadas ao mito de Ulisses, descrito na Odisseia de Homero (que data do século VIII a. C.). O conto em evidência faz parte da seleção do *corpus* de nossa pesquisa-ação, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (POSLE-UFCG). A recepção da obra e da temática abordada foi sistematizada, metodologicamente, conforme os passos da *sequência expandida* de leitura, de Rildo Cosson (2006), na concepção da importância de uma *comunidade de leitores* na escola (ROUXEL, 2013). Com objetivo de fomentar as práticas de letramento literário na sala de aula e de pensar em estratégias de mediação que colaborem com a formação literária da criança, compartilharemos os resultados de nossa intervenção de leitura literária, realizada em uma turma de 3º ano, do Ensino Fundamental I, da rede pública de ensino, da cidade de Acari-RN. Teoricamente, nos embasamos na Estética da Recepção (JAUSS, 1979:1994) e na Teoria do Efeito Estético (ISER, 1979) e em discussões acerca do lugar da literatura infantil na escola e de concebê-la como conhecimento, dentre outros, em Colomer (2003:2007), Zilberman e Magalhães (1988), Coelho (1991), Costa (2007).

Palavras-chave: Rosa Amanda Strausz, Estética da Recepção, Letramento Literário, Contos renovados, Experiência de leitura.

1. Literatura Infantil renovada: para além do “casaram-se e viveram felizes para sempre”

O gênero literário *conto* figura nas reminiscências das leituras da infância. De origem antigüíssima e imprecisa, perpassa as relações de comunicação humana desde os primórdios. O vocábulo *contar*, no campo dos estudos literários, assume o sentido de invenção, de ficção, de narrativa de acontecimentos (cf. MOISÉS, 2013). De acordo com Alfredo Bosi (1977, p. 7), esse tipo de “narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades de ficção”. Seu ponto de partida é um tema significativo, com o qual o contista busca uma unidade de efeito, num texto que, devido à concisão, concentra linguagem e ritmo específicos, retratando a vida por intermédio da arte.

No contexto da literatura infantil, tal gênero associa-se ao contar de histórias para divertir e entreter os infantes, intuito que se verifica, principalmente, nos *contos maravilhosos* que, segundo Coelho (2010), são decorrentes do mundo da magia, da fantasia e do sonho, em que a resolução de conflitos se dá no plano do sobrenatural. Essas narrativas curtas contrariam a ordem natural dos eventos da realidade e apresentam finais alternativos (do universo do imaginário). Vale salientar que tais características se presentificavam nos contos de fadas, personagem que se consolidaram na literatura para as crianças no Brasil.

As fadas (do latim *fatum* = destino) e os contos em que figuram, advém de histórias ligadas ao sobrenatural e narradas, primordialmente, pelos povos celtas. Embora não haja precisão de seu surgimento no imaginário, suas raízes estão arraigadas nas Novelas de Cavalaria, como o ciclo do Rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda e sua Dama Gineva; estes são os primeiros registros escritos em que são personagens. Coelho (2000) enfatiza que “pertencente à área dos mitos, a Fada ocupa um lugar privilegiado na estrutura vital que neles é representada: encarna a possível *realização dos sonhos ou ideais*, inerentes à condição humana” (p. 155).

Estas são associadas ao paganismo e, mesmo assim, foram se instaurando nas crenças cristãs, são espécies de mediadoras mágicas que, sendo a personificação da bondade, da beleza, do encantamento e de toda sorte de virtuosidade, auxiliam o humano a combater e vencer seus adversários, como bruxas, feiticeiros e outros seres de procedência maligna. Popularizaram-se entre as obras destinadas às crianças, dessa maneira, “essas personificações, que originalmente nasceram como expressão simbólica de preocupações éticas ou metafísicas, perdem seu possível caráter esotérico e só conservaram suas prerrogativas mais evidentes: seu poder mágico. (COELHO, 2000, p. 157).

De início, as traduções e adaptações dos clássicos europeus tornaram-se frequentes objetos de leitura escolar, por explorarem aspectos como o pedagogismo subjacente aos contos de fadas e pelas personagens que apresentavam comportamentos reprováveis ou exemplares para descortinar, ao final da leitura proposta, a famosa lição ou moral da história. Assim, os contos de fadas popularizaram-se na escola, por serem “contos morais curtos para educar em relação a valores e comportamentos” (COLOMER, 2007, p.17). Nesse sentido, Zilberman e Magalhães (1987) acrescenta que:

Os contos de fadas revelaram-se bastante adequados ao novo público emergente. Em primeiro lugar, porque não se pode escamotear a circunstância de que a fantasia é um importante subsídio para a compreensão de mundo por parte da criança: ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o a ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros. (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1987, p. 16)

Sobre a fórmula narrativa dos contos de fadas, o “era uma vez” é o *start* que conduz o leitor para um universo imaginário repleto de personagens que são, não raramente, arquétipos e maniqueístas, tais como bruxas, madrastas, ogros, príncipes, princesas e sapos que dividem o cenário com as fadas. Tratam-se de estereótipos que figuram num mundo encantado, em que frequentemente se instaura o conflito entre as forças malignas e as do bem, a quem se deve, respectivamente, punir ou atribuir *benesses*, de acordo com as suas ações e cujo desfecho é o “e viveram felizes para sempre”.

No entanto, tal fórmula narrativa de produção dos contos de fadas, no que se refere, principalmente, às temáticas e ao enredo desgastou-se e surgiu a necessidade de que houvesse uma nova maneira de se escrever para os infantes. Os clássicos foram recebendo novas perspectivas, construções e soluções, nos planos da ideologia e da retórica, figurando em sua composição as problemáticas sociais, culturais, familiares, políticas, dentre outras. Estas são postas com uma visão crítica, nos enredos e nas ações dos personagens envolvidos nas narrativas, que apresentam valores ideológicos e representações contemporâneas aos seus leitores, gerando empatia e reconhecimento de si nos textos lidos.

As bruxas, as fadas, os príncipes e as princesas, os lobos e os demais personagens fictícios são substituídos ou dividem a cena com meninos e meninas reais. O “felizes para sempre” ganha outras possibilidades de construção, uma vez que há conflitos provenientes da realidade do leitor infantil e que requerem soluções outras, regidos pela acepção propagada na atualidade, em que “a literatura infantil e juvenil desenvolveu-se sob critérios realistas” (COLOMER, 2003, p. 57). Além

disso, os contos continuam sendo permeados também pela fantasia, que agora funciona como um novo tipo de maravilhoso.

Atualmente, é consensual entre os autores e pesquisadores desse gênero que “a literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos” (CADEMARTORI, 2010, p. 17), “numa reestruturação do gênero que, sem afastar o leitor do maravilhoso, o conduz a uma percepção de si mesmo e da sociedade que o circunda” (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1987, p.141). No âmbito dessa assertiva, estão inseridas as produções de Rosa Amanda Strausz, escritora infanto juvenil brasileira, cuja obra “A coleção de bruxas de meu pai” será analisada a seguir.

2. A temática do divórcio e a riqueza estética da obra “A coleção de bruxas de meu pai”

Estreando na literatura infantil, a jornalista e escritora carioca Rosa Amanda Strausz lança o livro *Mínimo Múltiplo Comum* em 1991, com o qual é indicada e recebe o prêmio Jabuti daquele ano, na categoria contos. Desde então, já lançou cerca de vinte títulos literários, sendo os infantis e juvenis mais conhecidos: *Mamãe trouxe um lobo para casa!* (1995), *A coleção de bruxas de meu pai* (1995), *Uólace e João Vitor* (1999) e *Sete ossos e uma maldição* (2006). Nestes, a autora versa sobre diversificadas e contemporâneas temáticas, como as novas configurações familiares, o divórcio e os seus desdobramentos, as relações sociais entre classes e a violência urbana.

O conto *A coleção de bruxas de meu pai* (1995), de Rosa Amanda Strausz é narrado pela menina Marcela. Ela e seu irmão Chico são colecionadores de papéis de carta decorados, carrinhos e álbuns de figurinhas. Esse contexto de coleções e colecionadores é posto, na obra, de maneira que o leitor identifique-se com essa vivência própria da infância, para depois contestar uma coleção um tanto inusitada, que se desencadeou após a separação dos pais dos dois garotos: “desde que meu pai se separou da minha mãe, ele inventou um mania muito estranha. Passou a colecionar bruxas. Cada vez que ele vinha nos buscar para o fim de semana, estava com uma diferente.” (p.06).

Os irmãos, na tentativa de fazerem o pai colecionar outras coisas, utilizam como estratégia a troca das bruxas por animais que possuíssem as características daquelas. No entanto, as substituições resultam em tentativas mal sucedidas, já que novas bruxas aparecem semanalmente. A primeira foi a *bruxa espalhafatosa* que – “falava o tempo todo, dava gargalhadas e gritinhos, não parava quieta” (p.12), então, para livrarem-se dela, resolveram presentear o pai com um papagaio,

já que também era engraçado e poderia conversar e distrair o pai; cambio que aparentemente funcionou.

Todavia, na semana seguinte, o pai apareceu com a *bruxa esquisita*, tratava-se de – “uma mulher esquisita, toda vestida de preto, caladona, com uns olhos de japonesa” (p. 14). Descobriram que o seu mistério, suavidade e carinho cativaram seu pai e lhe deram a gata Mimi de presente, por conter todos os adjetivos da anterior. Passada mais uma semana, na casa do pai estava uma *bruxa caladona*, que falava menos que anterior – “tinha olhos e boca bem redondos e usava um vestido vaporoso que mudava de cor quando ela se mexia” (p.16), esta só ‘enfeitava’ a casa com sua beleza e não criava confusão e os meninos, sabendo desses atributos, deram um peixinho para o seu pai e se livraram dessa última bruxa também.

O problema é não terem pensado na confusão que causariam ao juntar todos os distintos animais na casa do pai. O que, de fato, ocorreu:

“Quando chegamos à casa de meu pai, no fim de semana seguinte, tudo estava virado para o ar. Mimi, a gata, não sabia se comia o papagaio ou o peixe. O papagaio não sabia se se defendia de Mimi ou se comia o peixe. O peixe, coitado, se escondia debaixo das paredes do aquário e espirrava água em Mimi. O resultado é que tinha água, pena de papagaio e pelo de gata por todo lado.” (STRAUSZ, 1995, p. 18-19)

Marcela relata a fúria do pai com a bagunça que provocaram e que o levou a tomar duas importantes e sérias decisões. A primeira tratava-se uma troca com os filhos, assegurando: “(...) eu paro de colecionar bruxas e vocês param de encher a casa de bichos, tá legal?” (p. 20) e a segunda decisão completava a anterior: “agora, vou ficar com uma bruxa só”. (p. 21). De fato, o pai dos garotos escolheu mais adiante uma bruxa chamada Circe, que possuía características pontuais das anteriores: “a escolhida era tagarela e falava alto como a primeira. Era carinhosa como a segunda e elegante como a terceira.” (p. 22), mas diferente das demais, Circe possuía um nome, uma identidade.

A menina Marcela complementa que não é fácil conviver com uma bruxa, relata pontos negativos e de discordância dessa convivência e, posteriormente, os fatores positivos que cativaram seu irmão e a fazem ter dúvidas do que concluir a respeito da presença de Circe em suas vidas. E, no final do conto, Marcela faz uma revelação curiosa sobre si: “se, algum dia, Circe me amolar muito, faço ‘Abracadabra’ e sumo com ela. Ou será que esqueci de contar para vocês que, apesar de nossas diferenças, eu também sou uma bruxinha?” (p.27).

O conto vislumbrado acima circunscreve-se dentro do contexto da renovação dos contos de fadas. Na visão do pai e nas suas escolhas preponderavam características positivas e que são

comuns às fadas, como beleza, suavidade, carinho e mistério, porém, na ótica dos filhos, as namoradas do pai são taxadas como bruxas. Esta é a figura antagônica às fadas, também muito disseminada na literatura infantil, nas personagens que apresentam a madrasta má, como em *Branca de Neve* e em *Rapunzel* ou na bruxa antropofágica de *João e Maria*, por exemplo.

O vocábulo ¹*bruxa* provém do latim – *venefica* = significa feiticeira, encantadora. A presença desse ser provoca o temor infantil e a resistência, devido ao que é pregado pelo viés cristão e atestado ao longo dos períodos históricos, que as associam às religiões pagãs, ressalta sua aparência assustadora e grotesca, e o recorrer à magia e ao misticismo do saber popular e da natureza (com unguentos, simpatias e porções extraídos de ervas medicinais), com finalidades malignas, frequentemente ligadas ao satanismo. Na era medieval, sobretudo durante os processos da Inquisição, eram perseguidas e queimadas vivas em fogueiras, como forma de combate à feitiçaria, à heresia e ao culto ao demônio, além disso, seu extermínio era uma forma de puni-las, pois acreditava-se que eram responsáveis por epidemias, más colheitas, mortes inexplicáveis de crianças e até pelas catástrofes naturais.

De tradição oral muito antiga, desde histórias difundidas pelos primeiros povos ao redor das fogueiras até as adaptações dos irmãos Grimm, a feiura e a maldade são condensadas e simbolizadas nessa personagem literária feminina. O maniqueísmo atestava sua identidade e o viés estereotipado mantinha-se nos contos tradicionais, contrapondo o protagonismo e a benevolência das fadas. Todavia, nos contos contemporâneos as bruxas passam a ser protagonistas, de vilãs convertem-se em heroínas das narrativas infanto juvenis, seu perfil tradicional é subvertido, são reconstruídas suas características psicológicas, que se ligam à travessuras, à atitudes atrapalhadas e ao humor, artifícios que conquistam o leitor.

No conto de Strausz, a narradora acentua as características físicas das bruxas e as adjetiva, em seguida, com tom de humor: *bruxa espalhafatosa, bruxa esquisita, bruxa caladona*. Estas não são nominadas, apenas caracterizadas com atributos que agradaram o pai, mas que, para as crianças, era motivo de desagrado. Animalizá-las ou trocá-las por animais é um recurso que aponta para o fato de que são substituíveis. Vale salientar que, as crianças não aceitam a situação imposta com passividade, mas buscam meios de se livrarem da temida figura sem recorrerem às forças sobrenaturais ou ao poder de solução conferido pelos adultos nos clássicos.

Apenas a última bruxa é nominada como Circe. Uma interpretação da escolha de seu nome alude ao mito de Ulisses, descrito na *Odisseia* de Homero (no século VIII a.C.). Circe é uma famosa

¹ Cf. **Dicionário de Latim-Português**, org. de António Pedro Gomes, Porto, Porto Editora, 1983, s.v. «venefica», p. 1208.

feiticeira da mitologia grega, também conhecida como uma espécie de deusa, que encanta e atraí os homens para a Ilha de Eana (situada na Itália) por intermédio da suavidade de seu canto e, depois, os transforma em porcos. Ulisses, tendo sido submetido à magia do deus Mercúrio, entra na ilha e resiste aos encantos e feitiços de Circe, além de libertar seus companheiros enfeitiçados.

No caso da narrativa acima, o pai cede aos encantos de Circe e as crianças adaptam-se à convivência com essa bruxa e com seus feitiços, que ora eram ameaçadores: “Quando eu ou Chiquinho começávamos a gritar na casa do meu pai, Circe aparecia e dizia: - Fiquem quietos, senão vou transformá-los em lagartixas. Quando corríamos pela casa, ela ameaçava: - Vou transformá-los em tartarugas!” (STRAUSZ, 2010, p. 22-23), ora eram benéficos: “Em compensação, quando alguém caía, ela fazia ‘Abracadabra’ e a dor desaparecia. Quando algum brinquedo se quebrava, ela dizia: - Vapt-vupt, brinquedinho, fique inteirinho como um ovo! Junte já os seus caquinhos! E o brinquedo ficava como novo (STRAUSZ, 2010, p. 24). E a revelação de que a narradora Marcela era uma bruxinha e que poderia “sumir” com Circe, também é motivo de identificação para o leitor, enquanto narradora e uma das protagonistas do conto.

3. Sequência Expandida de Leitura Recepção da obra de Rosa Amanda Strausz: tornando a teoria em prática

Ao pensarmos em uma experiência que aproxime o leitor do texto literário, realizamos uma pesquisa-ação, terminologia emprestada do campo dos estudos linguísticos, cuja abordagem arrima-se na interação social para construir o conhecimento (cf. MOITA LOPES, 1996). Acreditamos, ao executar essa pesquisa, vinculada ao POSLE – Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, da UFCG, em conformidade com o que postula Chiappini (2005), num entrecruzamento dinâmico “entre a pesquisa e o ensino, entre a pesquisa e a ação” (p.149). Ao entendermos que, na realidade da sala de aula, a pesquisa-ação assume também um caráter formativo, que se dá quando um pesquisador parte da teoria para a prática, planejando uma intervenção e testando hipóteses para produzir conhecimento e experiência a serem partilhados, pois a literatura é um bem a ser disseminado na sociedade.

Costa (2007) enfatiza essa abrangência social da literatura que destacamos. Esta reside na expressividade das imagens verbais, na relação com a vida humana e na sua natureza linguística, que partem do âmbito individual para o social por intermédio da linguagem que “pressupõe sempre o contato e a interação entre o criador e produtor do texto e os receptores”, constituindo-se como

uma “expressão do imaginário em formas estéticas entre indivíduos e, portanto, um processo de socialização” (COSTA, 2007, p. 23). Para execução da nossa proposta interventiva, o espaço de realização da pesquisa foi uma turma de 3º Ano, do Ensino Fundamental I, da rede pública de ensino no município de Acari, situado no interior do Rio Grande do Norte, com 26 alunos regularmente matriculados. Para abordagem metodológica de recepção da obra “A coleção de bruxas de meu pai” (2010), seguimos as etapas de uma *sequência expandida de leitura literatura* (COSSON, 2006), do momento da motivação até a contextualização presentificadora da narrativa em evidência.

Na etapa da *motivação*, objetivando preparar os alunos para leitura do texto, exploramos suas memórias literárias e verificamos *os horizontes de expectativas do leitor* (cf. JAUSS, 1994). Para tanto, iniciamos a sequência ouvindo a música popular brasileira: *João e Maria*, cuja melodia (uma valsinha) foi criada por Sivuca, no ano de 1947 e cuja letra foi escrita por Chico Buarque de Holanda, quase trinta anos após, em 1976. Em seguida, cada verso da canção foi sendo mediado, instigando os alunos a trazerem as situações descritas para si e a construírem significados, evocando o universo de contação de histórias, até centralizar o título que faz referência a um clássico literário.

O diálogo com os discentes denota que conhecem o conto dos irmãos Grimm ou de alguma das suas adaptações, pois eles acionaram a memória literária, cultural e histórica e citaram o que lembraram a despeito do enredo da narrativa de *João e Maria* e da personagem bruxa. Ao final do encontro, solicitamos que cada discente pudesse separar e trazer objetos que colecionam. Junto ao pedido, as crianças levaram para casa, em suas pastas, um pequeno questionário a ser respondido, justamente sobre a coleção que trariam, para que, com base nas interrogações, as discussões sobre as coleções pudessem ser mediadas, no próximo encontro.

Na etapa da *introdução*, correspondente à apresentação da obra, quando são geradas as primeiras impressões e são levantadas hipóteses, a serem confirmadas ou não, para que se instigue o ato da leitura. Como proposto no encontro anterior, as crianças trouxeram suas coleções junto ao questionário respondido. Em sala, os alunos sentaram-se em círculo, cada um com uma mostra de sua coleção e o questionário em mãos. Demonstravam muita euforia no momento da socialização, aguardavam com bastante ansiedade seu turno da fala e como costumam colecionar diversos objetos, cada um expôs a sua e houve bastante interação com a turma.

Foram ouvidos os relatos e, posteriormente, circunscrevemos a narrativa a ser lida no âmbito dessas discussões sobre coleções e colecionadores. Quando apresentamos o título do conto: *A coleção de bruxas de meu pai*, os alunos ficaram atônitos, sem acreditar que alguém colecionasse

bruxas. Por intermédio de um questionário, sondamos os horizontes de expectativas dos discentes e os conhecimentos prévios a respeito da personagem bruxa. As crianças pontuaram, por escrito, as características e os elementos que sustentavam o espanto ao saber que alguém colecionasse bruxas e mediamos a construção dessa personagem, cujo viés maniqueísta e associado à coisas negativas preponderou.

Na etapa da *leitura*, que é a efetivação do encontro do leitor com o texto literário, portamo-nos como mediadores, conduzindo a leitura em voz alta, por se tratar de um projeto para leitores infantes, em fase de alfabetização. Para, desse modo, fazer as devidas marcações rítmicas, sonoras e de entonação. Fomos lendo o conto, em voz alta e, logo, as crianças simpatizaram com a narradora Marcela e com seu irmão Chico. Alguns alunos se identificaram com as coleções dos dois irmãos, colecionadores de papéis de carta decorados, carrinhos e álbuns de figurinhas. Seguido a esse contexto e iniciada a coleção de bruxas, notava-se um receio que foi dando lugar à empolgação, a cada bruxa que aparecia na história, na tentativa de associá-la a um animal, conforme os atributos descritos. E a revelação de Marcela, ao final da narrativa, foi uma surpresa para todos, que não imaginaram que seria também uma bruxinha.

No que se refere a etapa de *interpretação* - em que se dá sentido ao texto, através de um diálogo que se estabelece entre o leitor, o autor, o mediador e a comunidade de leitores, foram considerados os planos estético e ideológico das obras de Strausz, bem como os elementos formais da narrativa, focalizando as personagens centrais: as bruxas. Questionamos aspectos essenciais à compreensão da narrativa, como: a figura da narradora Marcela, o espaço das ações – a casa do Pai, a demarcação do tempo – semanal e, principalmente, as personagens-bruxas envolvidas, com suas peculiaridades, fazendo um contraponto entre estas e a bruxinha Marcela.

Na etapa de *contextualização*, voltamo-nos para o aprofundamento da leitura, na observância dos desdobramentos de seus contextos. Optamos pela *contextualização presentificadora*, “que busca a correspondência da obra com o presente da leitura. Trata-se, por assim dizer, de uma atualização. O aluno é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto” (COSSON, 2006, p. 89). Ou visando, ainda, as diferenças, o rompimento com os paradigmas de leitura esperados ou a ampliação do repertório leitor.

Assim, conduzimos os alunos à sala multimeios da escola. Cada grupo releu o conto, identificou sua personagem, listou seus atributos e fez uma ilustração, construindo painéis com a imagem da bruxa da história lida. Em seguida, cada equipe compartilhou seu registro com os

demais colegas e passamos a verificar qual das bruxas gerou mais empatia das crianças e por quais motivos. Marcela e Circe foram as bruxas mais mencionadas, o encontro entre o real e o imaginário na relação pós-divórcio cativou os leitores, justamente pela não implicação de poder ou intimidação, já que ambas possuem voz e recorrem ao fantástico nas situações vivenciadas na trama de Strausz

Considerações finais

Ao final da sequência expandida da obra *A coleção de bruxas de meu pai* (STRAUSZ, 1995), a partir dos dados coletados, verificamos a empatia dos leitores-infantes, principalmente, com a personagem-criança Marcela, justamente por agregar características para além do maniqueísmo. Fatores determinantes, na opinião dos participantes da pesquisa foram: a revelação da identidade da personagem, ao final da narrativa, o fato de ser uma colecionadora e por ser uma “bruxa boa” ou ainda, a maturidade que a personagem possui, ao compreender os anseios de seu pai – que precisava de uma companheira para viver melhor; está última resposta apontando para temática do relacionamento afetivo após o divórcio, que é o fio condutor da narrativa. Além disso, sobre o pai das crianças e o irmão Chico, as crianças questionaram sua natureza, se era humana ou se estes seriam Magos ou Bruxos, já que todas as personagens femininas eram bruxas, inclusive a narradora. Os alunos fizeram associações próprias do universo fantástico e a temática do divórcio não sobrepujou a riqueza estética do texto literário.

Portanto, entendemos que o nosso objetivo geral proposto com a obra foi atingido. focalização das personagens centrais colaboraram significativamente para alargar os horizontes de experiência estética dos alunos que participaram da nossa intervenção. O que se clarifica na observância da recuperação das construções intertextuais e de seus efeitos, na leitura simbólica desses personagens, nas associações do texto com as imagens, na coprodução de sentidos e na comunidade de leitores que levaram suas experiências para além da sala de aula. Concluída a experiência, compreendemos que os alunos devem participar, no contexto escolar, de experiências estéticas significativas com o texto, com a linguagem literária e com temáticas variadas, como a do divórcio retrata, a fim de que sejam expandidos seus horizontes de expectativas e para que as vivências com esse tipo singular de letramento, que é o literário, possam contribuir para alargar o repertório de leituras desses leitores em formação.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo, org. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: _____ (Org.). **O Conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 7-22.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. (Coleção Primeiros Passos; 163). São Paulo: Brasiliense, 2010.

CHIAPPINI, Ligia. Pesquisa-ação: um método particular da pesquisa educacional. In: _____. **Reinvenção da Catedral**. São Paulo: Cirtez, 2005.

COELHO, Nelly. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 1991.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Marta Maria da. **Metodologia do ensino da Literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MOISÉS, Massaud. Conto. In: _____. **Dicionário de termos literários**. 12^a ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 88-92.

STRAUSZ, Rosa Amanda. **A coleção de bruxas de meu pai**. Salamandra: 1995.

_____. **A coleção de bruxas de meu pai**. São Paulo: FTD, 2010.

ZILBERMAN, Regina.; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura Infantil**: autoritarismo e emancipação. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987.